A Verdade não é de ninguém
mas somente,
daqueles que a entenderem.

Mural na estação de metro dos Olivais

O Português semita, indo-europeu e Universal

Através do tempo e da História as batalhas têm-se travado pelo domínio dos homens, das espécies, do mundo. Tentar a universalidade, a representatividade de todos os credos, etnias e raças, de todos os povos, sempre foi o objectivo dos mais altos impérios. O Romano fê-lo, tentaram fazê-lo os Otomanos, os impérios neo-latinos hanseáticos fizeram-no com as suas doutrinas, e no momento que teclo estas pseudo-sábias palavras, fá-lo o império sediado no novo mundo. E o império Português? Questiona o mais ilustre intelectual com algum cariz nacionalista na sua doutrina política. De certo que já se ultrapassou, e elevá-lo nos tempos em que povos Europeus se unem em torno de elevados valores de humanismo, através de novas formas de contacto inter cultural e político, poderá parecer anacrónico. Mas não o é. Teclo enquanto oiço os mais maravilhosos sons, criados por um Alemão, teclo num teclado concebido por um intelecto nascido no novo mundo, e por vezes escrevo usando as palavras sábias das línguas de homens livres. O Português, através das eras, sofreu influências de todos os povos e credos.

Os linguistas gostam de categorizar as línguas indo-europeias em subgrupos que por vezes se imiscuem, noutros grupos linguísticos. Como que uma dádiva, uma oferta, uma adenda, que quando é honesta, bela e amorosa deve sempre ser acolhida. Categorizar o Português apenas como língua Romana, carece de valor científico. As influências, as ideias que vagueiam e são canalizadas, e caminham através das estradas dos impérios, das redes de informação cujos dados voam a velocidades luminosas, fazem emergir novas e belas ideias e incutem as novas gerações a acolhê-las. Se dentro das línguas ditas Românicas o Francês é de certo a que tem mais influências Germânicas, se o Romeno, que deve o seu nome ao império, é a que tem mais influências Eslavas, se o Italiano é a mais peculiar e genuína língua latina, o Castelhano e o Português são das línguas deste grupo as que mais influencias semitas têm, sendo que Portugal, mais moderado num certo período da história, terá acolhido maiores influências semitas. Se os astrónomos do Infante eram Judeus, se os Muçulmanos permaneceram em terras lusas por algumas centenas de anos, se a rima e o fado têm origens árabes, é natural que com a influência de monarcas que obedeciam a Roma, tais influências tivessem sido subjugadas.

E terá o Português influências eslavas? Têm-no nos nomes dos seus falantes que nasceram no período posterior à revolução vermelha, Sónia e Nadia. E as

influências Germânicas? Também as tem, pois dominaram estes povos toda a Europa no período posterior ao declínio do império. Os Suevos, os Bárbaros e os Vândalos, que infelizmente, por tradições xenófobas daquela época ficaram associados a termos de desordem, tiveram forte influência na língua Portuguesa. E é curioso observar-se que as línguas indo-europeias Germânicas são as que de certa forma mantiveram maiores traços de uma certa latinização, quer na forma de pronunciar as palavras, e muito mais na forma como estas são escritas. O Grego, cuja língua actual ainda guarda fortes traços de filosofias ancestrais, teve a sua influência marcante no Latim, e consequentemente no Português. E as palavras trazidas do Oriente, como chá, que se devem à influência do Império Português. E as palavras do Francês que durante o iluminismo, influenciaram fortemente as mentes dos pensadores lusitanos, e agora as palavras provenientes do Inglês, que devido ao novo Império que se formou no Ocidente, são consequentemente assimiladas na língua camoniana. Temos do Inglês a estandardização e a implementação.

Os poemas que dedico a estas deusas que amei, são escritos através de mágoas e sofrimento, pois se amei, nunca me ocorreu a ousadia de pronunciar esses termos mágicos a uma sereia com o receio de ser rejeitado, atitude mais presumível. O Poeta é aquele que escreve a mágoa e o infortúnio, razão pela qual declino qualquer autoria de futuros poemas, pois de certa forma influências nórdicas que agora predominam na Europa, preconizam a felicidade como meta do Homem, talvez não Nórdicas, talvez renascentistas, e a poesia, apesar de pura, pois revela os sonhos, as mágicas sensações do ser humano, exige muita mágoa, rancor, ódio, paixão, vingança e ardor, sentimentos que apesar de levarem os seus criadores a produzirem as composições mais belas, provocam distúrbios inquietantes que tangem o patológico. E se vida é maravilhosa, criação divina, a poesia apesar de bela, revela ser árdua, viciosa, mas de certa forma é o alívio em que o homem exterioriza as sensações mais primárias e angelicais.

E se o divino, o criador, quis que a sua criação mais amada, o Homem; o estágio final do desenvolvimento animal, pois raciocina, indaga e é dotado de formas abstractas de pensamento; fosse produtivo, tal requisito só é alcançável através do bem-estar interior do indivíduo, através da felicidade e através da responsável liberdade.

E por mágica semelhança arábica da rima, associada às raízes latinas da língua em que escrevo, a felicidade rima com a fidelidade.

Os sextilhos do coração

à S.P.

Na cama da vida
no mundo dos céus
eterno prazer
Na espécie perdida
das puras mãos
que me fazem doer

O mundo das chamas
O mundo das almas
o mundo que amo
é o mundo que amas
o mundo da calma
O mundo profano

Amo-te a ti
meu perene amor
da pura saudade
Sobrevivi
um' atroz dor
salubridade

Quero as carnes
as ternas volúpias
as dóceis paixões
Minha chama que ardes
nas noites de núpcias
unidos corações

A minha perene
e inigualável
anseia por ti
Sou alguém que teme
o amor afável
A mulher que sorri

Se te amo não digo
Não crês que te ame
Sim, eu desejo
o terno abrigo
por que anseio
Amor eu prevejo

Os teu dóceis beijos
As tuas carícias
De puro veludo
São puros ensejos
de cruas fictícias
Atravessa-me o muro

Como te amo
minha dócil princesa
minha terna volúpia
O amor que é profano
O amor nesta mesa
O amor que usurpa

Estigmas da carne
o estigma da alma
o estigma do ente
que amo, que arde
que retira a calma
do homem que é crente

Das divinas paixões
das dóceis carícias
do mundo de outrora
elevam-se corações
dóceis perícias
que sinto agora

As caras metade
das dóceis mentiras
daquilo que sinto
A crua verdade
da virilidade
que em ti pressinto

Escrevo-te assim
dócil amor
digo que amo
que me ames a mim
qual professor
aluno profano

Dócil paixão
Um terno luxo
de quem pereceu
de tal coração
que foi assim frouxo
que em tempos morreu

Revitalizou-se
Nasceu de novo
Assim procriou
amor diferente
Amor ao povo
Amor que durou

Escrevo-te assim
dócil amor
digo que amo
Um amor sem um fim
Um fim eterno
Um fim que proclamo

Um fim a teu lado
Se digo que amo
Oculto inverdades
Amor recalcado
De um mundo mundano
Mentiras, Verdades

Sem ti pereço
Morro e caio
Perco o norte
Sei que pareço
Um mero lacaio
à beira da morte

Mas digo verdades
Puras verdades
e só a verdade
que sinto saudades
puras saudades
da cruel mocidade

O mundo que sinto
digo-te assim
pelos cinco dedos
dor que pressinto
Ama-me a mim
Afasta-me os medos

Temo-te pois sei
o quão te amo
minha cara-metade
Minha dócil paixão
Assim proclamei
Disse a Verdade

Os sonetos da ternura

à A.R.

É esta homónima paixão
que ainda me corre nas veias
que permite que ela teça as teias
que me aprisionam o coração

Do futuro: os Deuses o dirão
fazem-me crer que sou Eneias
e tu que constantemente me encandeias
que só me afastas da perfeição

Os ódios distorceram-me a razão
E o castigo: Auto-flagelei-me
com a espada da helvética nação.

E com uma meretriz que não tem perdão
em extremo desespero, deitei-me
cobrou-me o aniquilar da solidão.

Terá restauro a minha alma?
Serás tu a reconstrutora
ou quem sabe a recreadora
de uma nova chama que me embala

num pensamento que se resvala
numa latente paixão inovadora
de um poeta que em tempos fora
um sábio no domínio da fala.

Um *déjà vu* de seu nome Ana Rita
é uma donzela de clara rebeldia
de um poeta que nem chora nem grita

que apenas sofre com desesperante melancolia
nem quero reflectir o que isto implica:
Uma evidente carência de alegria.

Numeração Romana

Aos XXII, reduzi-me a II
Aos XXIII, questionei os III
Aos XXIV, ao nono mês
Interrogo-me quem realmente sois

MMV, I mês depois
Nórdica paixão que se perfez
Ao contemplar lusitana candidez
Num angelical sorriso, que me impões

Carrego um trauma: a lucidez
Desta arcaica numeração,
E de um enlace Báltico, que se desfez

Em uma impúdica imiscuição
Posto isto, perdi os III
Acarretando a perfeição

Esculturais contornos, dissimulados.
Áureos e sedosos filamentos.
São estes os divinais momentos
Em que os deuses ficam consternados

Resigno-me aos carnais postulados,
Assolam-me paradoxais sentimentos
Pois falhados todos os intentos
De ser amado: Cúpido e Vénus aniquilados!

Resta-me um desejo residual
Fragmento de uma pulsante besta
Com característica inercial

Tranquilizei-me com uma festa
Sinal de amor intemporal
Nórdica paixão, antes da sesta.

Um quinteto de quadras à A.R

Uma proeminente carência
de quem não discerne o atingível
patenteada numa demência
de querer alcançar o impossível

Persegue-me este eterno nome
Desejo ardentemente quem o possui
Há quem por nostálgico me tome
por desejar ser aquilo que já fui

Torno-me abstracto no amor
porque arde auferir sentimentos
É que em português rima com dor
É o fado dos constrangimentos

Terei alguma intenção incestuosa
por desejar apenas um beijo
de uma deusa, a mais formosa?
A minha vida é um ensejo

Perdi o vigor de outros tempos
Certamente o reganharei
porque o amor é como os ventos
rege-se por uma etérea lei

Ternura e saudade verdejantes

à A.S.C.

Olhos negros, cabelos lisos e que mão linda
O seu primeiro nome, é Ana,
E eu sou um coração que ama
E que sofre, na espera pela sua vinda

Mas há tanto que eu não sei, que desconheço ainda
Sorriso lindo! No Indostão: É Brama
Pois denoto-lhe uma alma puritana
E eu um pobre poeta que sem ela, finda

Os seus pais também escolheram Sofia
E a linhagem é a de Carmo
Quem me suporta a melancolia?

Eu convalesço, eu sofro, eu ardo
Apenas anseio pelo radioso dia
Em que a beije, de D Juan encarno

Quem, é que resiste a angelical sorriso?
Lábios prazerosos ao beijar!
e a minh'alma limita-se àmar
uma Deusa. Meu coração diviso!

Mas que mal fiz eu? Sinto o corpo liso
Sem vontade para andar
Nem sequer quero sonhar
Que fazer à vida? Estou Indeciso

Estava de verde, naquela jantar
Olhei-a pela primeira vez
Maravilhei-me com o seu olhar

E com o esplêndido sorriso que fez
Açucena e imaculada, sabe a'mar
É o exemplo clássico da candidez!

Dois sonetos à Susana

O "princepe" elabora dois sonetos
a uma diva que encanta,
que veste saia branca
e que calça elegantes chinelos pretos.

E da mão esquerda delicados dedos
acariciam a sua anca.
A minha paixão é tanta
O seu cabelo: negros filamentos



O apelido eu desconheço,
mas o seu nome : Susana
Desta arte pago o preço

de escrever como quem ama
E muito já nem peço:
Um beijo, prescindo a fama.

Olhar deveras cativante
uma postura delicada,
uma deidade amada
por um modesto poeta errante

Escreve como Dante
uma prosa elaborada
sublime, bela e dada
ao "Silêncio" relaxante

Um intelecto maravilhoso
de apenas uma mulher
Fiquei indeciso, curioso

Como quem não sabe o que quer
Escrevo um verso atencioso
a esse belo malmequer

O príncepe urbano-tempestivo

A "vida" tem vida

A vida que não se altera
faço do céu a minha fronteira
Nesta busca, nesta quimera
Bela mulher, bela sereia

Afastamento inadmissível
de um afecto por quem pecou
Um amor-ódio tão punível
de uma ferida que não sarou

Fêmea, diva inigualável
ao alcance de um simples toque
Afastamento intragável
De uma paixão que se torna forte

Belas e cândidas moças
Negras e escuras peles
Instigam-me, elevam-me as forças
Amo-te, Leonor Teles

Pecadora, adúltera, vadia
Traidora, rameira, reles
Ficaste nessa masmorra fria
Desonraste o apelido Teles

Damas, divas do mundo
de um sonho quase etéreo
Padeço de um ódio profundo
A que se deve tal mistério?

E a vida dentro de mim
Flameja, qual astro brilhante
A puta da vida é assim!
É um sonho hilariante

Se sonho acordado, não noto
Ser empírico quase ideal
Mas quando penso, denoto
Um espírito letal

O meu Eu malicioso
Leviano e intragável
Um rumo tão penoso
Ser humano e sociável

Se os espíritos do além
Louvam-me a entidade
E como eu, não há quem
sinta tal perplexidade

De uma paixão inacessível
De um afastamento doloroso
Tal melancolia é punível
com um laço tão moroso

Um laço com uma mulher
que me espera no altar
Caminho como quem quer
Verbalizar e então Amar!

A chama da vida

Procuro nas chamas da vida
Momentos de eterno prazer
A frase que é dita e desdita
ao ouvido de bela mulher

Cabe-me a concepção
do amor a um belo ser
Quente e fogosa paixão
Por quem hei-de um dia ter

Os fados entristecem as almas
sombrias e empobrecidas
Ó Ninfas, uma salva de palmas
por dádivas tão enriquecidas

O amor que outrora venerei
assola-me o inconsciente
Os legionários com quem lutei
arrasaram-me a louca mente

E a paixão que então esperei
Novo amor, amor diferente
Amor novo, que não amei
Olhar a vida, olhar de frente

E o sabor desta amargura
destrói a essência do ser
bela mulher, que formosura
É a razão, para alguém viver

E as deusas do além
Ternura e sobriedade
Melancolia, fado também
Não há tradução para a saudade

Pois denoto no futuro
promissoras sensações
Ódio, amor tão puro
Reter fogosas paixões

Para quê reter a ansiedade?
Para quê esperar o infinito?
Apenas vagueio pela verdade,
Apenas calado finjo que grito

E se as esferas do prazer
Levam o homem ao delírio
Salientar e dominar o saber
Trouxe o Messias ao martírio

O sangue que me escorre nas mãos
escorre um plasma humano
de mulheres e homens sãos
Do doutor ao fabril profano

Das mulheres que venerei
Das damas que já esqueci
A todas sempre amei
Por cada uma me perdi

Perco-me nos seus seios
Imensidão de luxuriante carne
Procuro por todos os meios
o antídoto para a ferida que arde

Não resisto a divinal sorriso
A contemplar ondulados cabelos
Pois aqui, meus caros friso
que adoro fartos pêlos

Na geometria das sensações
Na aritmética dos sentidos
Nos gestos, nas contracções
dos músculos, por vãs paixões, perdidos

A diva da carne

Minhas caras e divinais donzelas
Como vos amo, nesta sofreguidão
Belas pernas, e em Frielas
Longínqua cidade: A solidão

Porque me frusta a ansiedade?
Porque se anseia a metafísica
Ter-te-ei, é a saudade
Minha dama, paixão idílica

Belas coxas, em que me perderei
Que contornos, que não alcanço
Toco-te e já não sei
Se sonho, ou se descanso

Incultas divas da carne
dos prazeres das eslavas fecundas
O ódio, a razão, são parte
das sensações mais imundas

Pois amo-vos com fatídico desejo
Checas, Polacas, Romenas
Tal a vida, é o meu ensejo
Anseio porém, mulheres amenas

Escrevo sem saber quem sou
Não conheço quem sou eu
Sou o poeta que perdurou
Através do escuro, através do breu

Minha cara amante, como és bela
como anseio o prazer do veludo
do teu corpo, tal Cinderela
contemplo-te inquieto e mudo

Atrair-me por carnais tensões
Por espiritual e sanguinário desejo
A música eleva os corações
Amar-te-ei eternamente: Prevejo

As dores das minhas palmas
dos cotovelos e ombros recalcados
Recalcam as sofridas almas
Por palmas de pés pisados

A caneta desliza soberbamente
Através de virgem e imaculada
Folha de papel, que solenemente
se entrega herege e desregrada

Entrega-se à tinta e seu sabor
Entrega-se aos versos que lhe dedico
Saboreia-se com o seu teor
Desvirtua-se, qual velho rico!

A imaculada e virginal folha
entrega-se sem oferecer luta
Tal como qualquer trolha
se delicia em escaldante puta.

Escrevo...

Escrevo em movimento
Escrevo o que vai na mente
Escrevo com a mão dormente
o que me vai no pensamento

Escrevo com puro contentamento
Escrevo aquilo que é premente
Aquilo que arde, que é ardente
Que traz dor, isolamento

Escrevo com audaz primazia
Os escritos do sofrimento
Escrevo o que traz alegria

O que estimula, que traz tormento
E não escrevo aquilo que queria
Amar-te assim no firmamento.

Digo...

Digo aquilo que não direi
Digo apenas, o que senti
Digo *tudo bem* se sofri
Digo apenas que tudo sei

Falo... das almas que amei
Falo dos amores que vivi
Que não vivi, pois inda não vi
As Romas que desejei

Se está à vista, quero tocar
Quero deliciar-me com prazer
Quero amar, quero abraçar

Quero amar para me perder
Nas planícies sob o luar
De amar ao amanhecer.

Sinto...

Sinto puras sensações
De espécie quase humana
Pois ignora, é profana
Requer dádivas, atenções

Atritos, elevadas tensões
na sabedoria mundana
É altruísta, é tirana
Absorvo ásperas emoções

Amo todas as mulheres
Amo-as, são todas minhas
Abocanho, quais talheres

Suas bençãos, suas fuinhas
Amo-te, para me amares
Engulo dóceis andorinhas

Desejo...

Terna afável comparação
Que dedico ao sexo oposto
Delicio-me com dócil rosto
Que me subjuga a esta paixão

Rastejo, coxeio, qual hábil cão
Imóvel, perene no seu posto
Situação a contra-gosto
que me endurece o coração

A chama dos teus lindos olhos
arde a carne que constituo
Amor, amor, amor aos molhos

Apaixonada assim perduro
Encanto-me com dois pimpolhos
Amor, amor, Amor fecundo.

O corpo...

Mais vivo que morto
mais morto, que vivo
Cadáver e sobrevivo
Sobre o cais, sobre o porto

Cadáver, em pé está torto
Contorno, do amor me esquivo
Vivo ou sobrevivo?
Eu: Prematuro aborto

Aborto o que está activo
Nas negras peles o conforto
O amor permissivo

Vivo ou sobrevivo?
Alegro o que está morto
Corpo adjudicativo.

SOLidão

No sol a madrugada
Na lua o esplendor
do sereno e puro amor
de quem só dá, não requer nada

Apresenta-se: Perene fachada
que encobre a atroz dor
Perene, movimenta o suor
da dama mais amada

Se os caminhos do outrora
não alcançam o infinito
E será que os de agora

os alcanço? Pois aqui grito
Gritar, Louvar, pois quem adora
eleva as almas, eleva o mito.

Dócil negrura...

Não, aqui não minto
Erróneas palavras que descrevo
Apenas receio o prescrevo
Apenas afasto o que pressinto

Vinho: cor do sangue, apenas tinto
Pois do sangue que aqui escrevo
É o ardor vermelho que elevo
É a carne, o ardor que sinto

Negras peles que procurei
Negras carnes que pressenti
São negros os seios que toquei

Sublimo o momento que vivi
Negros braços que abracei
Em negro corpo me perdi

As ninfas...

As ninfas com que me deitei
são as chamas que procuro
O ardor, o núcleo duro
A dor, de que me afastei

Mas, mas, mas e o Amor?
Será este perene e puro?
Da minha parte, aqui juro
É grandioso: Acutilante ardor

Calmo atravesso o muro
da chama que aqui elevo
Mais álcool! Aqui fervo
Mas aqui calmo perduro

A adorada embaixatriz

à A.S.G.

E se as paixões assim da carne
são aquelas que agora recuso
E quando te vejo, soa o alarme
do corpo que se observa, difuso

Espelho as almas que renego
São aquelas que desejo
Estou parado e assim espero
aquilo que não prevejo

Mas a chama vai-se apagando
Percorre os rumos da mente
da razão que proclamando
da paixão idílica, descrente

Oiço as mundanas conversas
de futebol a afins
Escrevo calmo sem pressas
receitas de pudins

Estranho o que escrevo
e por vezes estranho o que sinto
Estranho o que elevo
Estranho-me a mim quando minto

O espelho que reflecte a alma inclinada
É a luz que renega a rectidão
Vejo-me com uma paixão desregrada
Seguida de dor e solidão

Anseio a calma que perscruto
Desejo aquilo que renego
Vejo-te em muitos anos, de luto
Um grande esforço, por ti emprego

És a calma no desejo
És o espírito que apazigua
A diplomata do ensejo
o equinócio da minha lua

És o astro que procuro
És a orbita que quero percorrer
É com gravidade que aqui juro
A atracção indolor, sem doer.

A ama.dor.a

Procurei nos meandros da alma
A amadora dos meus sonhos
Os actos outrora medonhos
Revelam hoje, pura calma

O amor que entretanto se salva
Pelas pontes entre diversos conhos
Olhamo-nos felizes, risonhos
Serena brisa que me acalma

Pelas eternas rotas do além
Vagueio eu taciturno
Mas meus passos, revelam também

Pura ansiedade, suor profundo
Pois tal como o Infante em Belém
Imóvel, Sereno: Contemplo o Mundo

Dinamene...

Serão o profano e o sagrado
o divino e o terreno
romana em Roma e amor romeno
Farão parte do passado?

Muita calma, amor sereno
requer a chama do meu fado
Adiar o adiado
Muito amor, amor ameno

Dinamene, quem tu és?
Sina, ou sino-paixão
O poeta a teus pés

Entregou o coração
Pois o poeta é quem vês
É o que escreve a adoração

Egografia

Escrito por terras hanseáticas....

Pergunto-me quem eu sou
Ser humano ou irracional?
Sou mesmo assim um animal
Que através do espaço perdurou

Quem sou eu? Sou quem ficou?
Será que sou o ego divinal?
Criminoso e anjo angelical
Que do próprio sangue a mente conquistou.

Quem é o ser que observo?
Quem é este que escreve?
Serei eu? Sou eu que elevo,

Que condena e que prescreve?
Mas também aqui emerjo
A paixão que na alma ferve!

Quem é, este que escreve?
Quem é, aquele que pensa?
Que tem a chama imensa
E que recusa aquilo que pede.

Quem é, este que mede
As proporções da carne intensa?
Das imagens da renascença
Será o amor aquilo que teme?

Que imagem, é essa que vi?
Através do espelho que então quebrei
Foi uma imagem que não pedi

E então com o punho desintegrei
A raiva que então senti
Feri, vivi, e não amei.

Um pentagrama sonetial

Queria abraçar o mundo
Perder-me em azuis contornos
Navegar por mares mornos
Ir até ao vulcão mais fundo

Quero nadar no rio imundo
Embelezar-te com flores, adornos
Aterrorizar-me com os campos e fornos
do holocausto. Sou o ser profundo

Quero observar-te feliz
Quero ver-te reluzir
Dou o Mundo, se te ris

Quero a mágoa abolir
O Sabor Soror Senil eu fiz
de te Amar e de me vir

Vou ao Mundo e já não venho
Trilho os passos da paixão
de te olhar o coração
Vê o Mundo e seu tamanho

Tomamos o Sagrado Banho
nas águas da imensidão
e os Versos de eleição
São os que segredo, se me acanho

Escrevo os termos floreados
e atravesso o nevoeiro
Somos dois enamorados

Sou o jugo, o primeiro
Somos os dois mais amados
És a Ordem e o Carneiro

Deste Rio que em Janeiro
no sul é fogo e é quente
em que peca o homem crente
É este mês assim primeiro

Serei eu o pioneiro?
Serás tu a dama ardente?
Neste caldo infernal fervente
Ou serei um arruaceiro?

Quem és tu terna amada?
És aquela a quem segredo
És a amiga enamorada

A que me afasta este medo
A sereia enseada
És a Cruz Crescente: O Credo.

O toque das tuas mãos
adorna-me a pele carente
E este corpo que não mente
prende-se em desejos vãos

São os teus beijos sãos
que me dão a serenidade
A pacífica salubridade
Somos apenas dois irmãos

E até que a morte nos separe
Ter-te-ei a meu lado
Quero o Mundo, a Saudade

Renego assim o atroz fado
És a janela que se abre
Para a Liberdade no austral cabo.

E se a Áustria é Setentrional
tem a beldade dos hiper-bóreos
da beleza dos Germanos olhos
És tu Nádia o sul astral

És quem renega o breu fatal
És a Germana dos corpóreos
sentidos que procuro, és os flóreos
sentimentos, és a Intemporal

És a latina escaldante
És a africana sorridente
És a Moura, és a amante

És a germana bela e ardente
És a América, livre e gigante
És a sina: O Oriente

Une hommage aux poètes Portuguais

Que maior homenagem posso eu dar
A um ilustre poeta português
Como Pessoa, se não exaltar
A grandiosidade que perfez
Ou Camões que ao glorificar
O povo que ainda tem os três
Inteligência e Fado no altar
Sou poeta, sou português.

Mas que há de eloquente
Em tal praia lusitana
Que provoca em sua gente
Tal pureza freudiana,
inteligência pouco quente,
e perfeição indicana?
Veja-se a retórica influente
É claro! A camoniana

Que em mim arde sem se ver
E que me faz amar as divas
Do mundo, e depois lamber
Volumosos seios, e que intrigas
Me esperam ao padecer
Que me ferem como espigas
Sinto a alma a sofrer
Sou lusitano, não choramigas

Mas também sinto Pessoa
Que me oferece a melancolia
Que me faz seguir nesta canoa
Sem vivacidade ou alegria
Mas aprecio uma mulher boa
Disso não tenho eu fobia
Porque se há algo que me atordoa
É o corpo nesta acalmia.

O anjo e a besta

Porque o corpo sem alma
É um corpo sem a calma

Para encarar o animal
A criatura primordial

Que por vezes cavalga
No corpo que espalma

Legitimado no foral
De um criador amoral

Mas a alma dessalga
O corpo que acalma

A fresta angelical
Fenómeno fenomenal

ameoP

Será que estou a ficar senil?
Mas vê as coisas ao contrário minha adniL
É que pelo nome que te conheci : atiR
Ou pelas três primeiras do B.I. : anA
Não definem aquilo que quero de ti: roma
Capital deste império mental, saio do coma

Porquê?

Porquê
é que já ninguém crê?
E se eu fosse capado
Já não vivia atormentado
Seria quem sabe tenor
Mas já não sentiria o amor
Banal
Carnal
Que sinto por ti princesa
É paradoxal
Eu sei
Comia-te já aqui em cima da mesa
E dir-te-ia que eu nunca amei
Ninguém igual a ti
Eu sei que é mentira
Digo isto porque estás aqui
Porque
Independentemente da classe social
Há algo que entre as mulheres é universal
A amor, carinho, afecto, paixão
Não há nenhuma que diga que não
Um poeta é uma besta
Qual mais alto, qual maior do que os Homens, qual sede de infinito
E eu aqui só não grito
Por convenção social
Passaria por anormal
Como explicas tu Florbela
Que algo tão básico, tão primitivo, tão ancestral
Como as mulheres
Sejam móbil de um qualquer poeta banal.
E serei eu por isso um mau poeta?
Não sei, não me cabe responder
Cabe ao rei, ao sol, às estrelas, aos planetas de Mercúrio a Plutão
Talvez não.

Amo, amas, ama, amor, amante, ame, amiga, amar, Ela

Princesa, sem saber o que é amar
Eu sei que te amo
Pois quero-te agarrar, abraçar, beijar
Não conheço as técnicas, o engenho ou a arte
De amar
Só sei que se te aproximares vou abraçar-te
Para preencheres esta lacuna, este vazio
Como duas placas de aço que se unem, a frio
Porque entre eu e tu não há fusão,
Há encaixe
Não precisas de te modificar
E eu não preciso de dizer que não
Como duas peças de um puzzle
Como duas rodas dentadas a laborar
Vinte e quatro horas por dia
E eu no fundo só queria
Saber amar-te
Mas mesmo sem o saber
Podes crer
Que te amo

Dedicado à bela, àquela, à una, Princesa...

E no meio do escuro
E no meio do nada
Enquanto todos dormem
Quando a luz se apaga
Espero eu por ti
Nesta madrugada
Quero ter-te aqui
Mas tu estás parada

E não há mais nada, nada
Só tu, tudo, tu
Nada, nada, nada
Só tu, És tudo, tu

E a espécie humana é capaz de
        Odiar, matar, chacinar
Mas contigo eu só consigo
        Dar, abraçar, amar

Eu dava tudo para te ter,
Mas eu sei que um dia
a esperança há-de morrer

E no fundo do teu ventre
                                eu queria
Colocar a minha semente
                                um dia

Metamorfose

Mas depois de me transformar,
de aprender a amar-
-ME, sim a mim também
fui básico, fui feliz, quem?

Chegado o dia do acto
da conjugação perfeita
do suave impacto
da dádiva que aceita

Um beijo, assim começa
um ritual ternurento
de quem não tem pressa
no pensamento

Deslizar a língua em sedoso
pescoço, até chegar à boca
e depois trincar o lábio formoso
que ao mínimo desejo, se apouca

Despir tão incomodativos trajes
que nos impedem de prosseguir
Que atracção quando ages
de ninfómana. Vou te acudir.

A minha mão tacteia
trilhos pecaminosos,
a carne que anseia
considera-os formosos

Que sinto? Que humidade é esta?
Que me deixa maluco, animal.
Cheguei! Os meus dedos na fresta
E eu a olhá-la, desejo transcendental.

Sou o seu escravo no prazer
Não me custa, porque a amo
E a besta tenho de conter
Par' actuar com a arte que proclamo.

A minha língua desliza
por um peito perfeito
um mamilo que se enrija
num mordiscar desafeito

Continua a peregrinação
até chegar ao umbigo
ela nunca diz que não
Deseja-a no abrigo.

Digo não! Ela espera!
Devo adiar o prazer
E no fim grande se torna
até ela se contorcer.

De desejo, de paixão
da irredutível carne
e sem coragem p'ra dizer NÃO,
também já é tarde.

Já sobe as paredes!
Toda ela se arqueia
Que gemidos que teces
Que herege! Que ateia!

Finalmente atinj'o fojo
Agarra-me nos cabelos
Dedico-me minucioso
e observo loiros pêlos

Que terramoto, que gemidos
Pressiona-me e pede mais
E no fim, provoca alaridos
Merda! Chegam seus pais.

("*Passo da sala para o quarto, nem me chegam a ver*")
("*Questionam pela filha, ela diz que está tudo bem*")

Parar é morrer
mas sou circunspecto
Não quero padecer
Com o *falus* erecto

Quem mata o desejo das mulheres?
Porque Deus as criou assim?
Sou delicado para não me recusares,
E pedes-me desejo sem fim.

Deitada na cama dizes:
"Amo-te tanto.... vem cá"
Desconheço as raízes
do desejo que me dá.

Prossigo, coloco-me
em posição frontal
e no desejo perco-me
num beijo fenomenal

Unimos os lábios, as peles,
as almas e os sexos
Alguns consideram-no reles
Amo-te! Estamos anexos.

Ela murmura baixinho:
"Sinto-te dentro de mim"
Dou-lhe todo o carinho
Num orgasmo sem fim

Chora de contentamento,
com lágrimas e diz:
"Morreremos juntos!"
"Posso morrer, fui feliz!"